

A CONSTRUÇÃO SEM + GERÚNDIO NA *CRÓNICA DO CONDESTABRE DE PORTUGAL NUNO ÁLVARES PEREIRA*

SEM + GERUNDIAN CONSTRUCTION IN THE CRÓNICA DO CONDESTABRE DE PORTUGAL NUNO ÁLVARES PEREIRA

José Barbosa Machado

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

jleon@utad.pt

RESUMO:

A *Crónica do Condestabre de Portugal Nuno Álvares Pereira* teve várias edições, sendo a primeira conhecida a de 1526, impressa em Lisboa por Germão Galharde. O mesmo impressor fez nova edição em 1554, sendo esta o reflexo, na paginação e na grafia, da anterior. As diferenças são mínimas, destacando-se a correção de algumas gralhas. Tanto numa edição como noutra, o impressor, na página de rosto, teve o cuidado de avisar: «sem mudar da antiguidade de suas palauras nem stillo.» Fernão Lopes serviu-se da crónica para escrever alguns dos capítulos da *Crónica de D. Fernando* e da *Crónica de D. João I*, Parte I e II. Neste trabalho de investigação, apresentaremos uma breve sistematização do uso da construção *sem + gerúndio* na *Crónica do Condestabre*, uma característica sintática presente também noutras obras do século XV a que faremos referência.

PALAVRAS-CHAVE: Condestabre; Nuno Álvares Pereira; século XV; manuscrito; crónica; gerúndio.

ABSTRACT:

The *Crónica do Condestabre de Portugal Nuno Álvares Pereira* had several editions, the first one being known in 1526, printed in Lisbon by Germán Galharde. The same printer made a new edition in 1554, which is very similar in pagination and spelling to the previous one. The differences are minimal, highlighting the correction of some rooks. Both in one edition and in another, the printer on the title page was careful to warn: «sem mudar da antiguidade de suas palauras nem stillo.» Fernão Lopes used the chronicle to write some of the chapters of D. Fernando's Chronicle and the Chronicle of John I, Part I and II. In this research, we will present a brief systematization of the use of the *sem + gerundian construction* in the *Crónica do Condestabre*, a syntactic characteristic present in other works of the fifteenth century, to which we will refer.

KEYWORDS: Condestabre; Nuno Álvares Pereira; 15th century; manuscript; chronicle; gerund.

Introdução

A *Coronica do Condestabre de Portugal Nuno Aluares Pereyra* teve várias edições, sendo a primeira conhecida a de 1526, impressa em Lisboa por Germão Galharde. O mesmo impressor fez nova edição em 1554, sendo esta o reflexo, na paginação e na grafia, da anterior. As diferenças são mínimas, destacando-se a correção de algumas gralhas. Tanto numa edição como noutra, o impressor, na página de rosto, teve o cuidado de avisar: «sem mudar da antiguidade de suas palauras nem stillo.» Mendes dos Remédios, no prefácio da reedição da obra em 1911, considera que estas palavras «significam, parece, que uma outra edição havia precedido a que se dava, a qual se procurava fielmente reproduzir» (VII). Não deixa no entanto de considerar a hipótese, mais provável, de que as palavras se referem, não a uma edição *princeps* anterior à de 1526, que teria desaparecido sem deixar rasto, mas a um códice de que o impressor se serviu.

Fernão Lopes baseou-se na crónica para escrever alguns dos capítulos da *Crónica de D. Fernando* e da *Crónica de D. João I*. Segundo Teresa Amado, «Fernão Lopes só não usou oito dos oitenta capítulos que a compõem» (1993: 187). Manuel Cadafaz de Matos considera que a crónica «foi produzida, textualmente, entre 1431 (ano da morte do Condestável do Reino) e 1443 (ano em que Fernão Lopes redigiu o cap.º CLXIII da Primeira Parte da *Crónica de D. João I*.)» (2011: 13-14).

O texto que serviu de base à impressão de 1526 seria, segundo Adelino de Almeida Calado, uma cópia manuscrita, «com uma redação de certo modo obsoleta, quer no vocabulário, quer na construção frásica» (1991: LXIX). Não foi isso que verificámos ao analisar o vocabulário e a construção sintática do texto impresso. Embora algumas palavras estejam mais próximas do século XV, a ortografia e a sintaxe, de um modo geral, estão dentro dos hábitos da primeira metade do século XVI. O impressor, em 1554, não viu pois necessidade de atualizar o texto.

Todavia, uma das características sintáticas que de imediato chama a atenção a qualquer leitor pela sua estranheza é a construção da preposição *sem* + gerúndio (*sem podendo*, *sem sabendo*, *por não podendo*, *não sabendo*). Apresentaremos em seguida todas as ocorrências da construção com os respetivos contextos, assim como os testemunhos de outras obras do século XV onde a mesma construção aparece.

2. Construção *sem* + gerúndio

A construção *sem* + gerúndio ocorre 18 vezes na *Crónica do Condestabre*, introduzindo uma oração não finita gerundiva: *sem achãdo*; *sem auêdo* (2) / *sem auendo*; *sem fallãdo* (2); *sem lhe bollindo*; *sem lhe pagando*; *sem lho cõtradizendo*; *sem o fazêdo* / *sem se fazendo*; *sem podendo*; *sem prouãdo*; *sem sabendo* (2); *sem sayndo*; *sem tomãdo*; *sem se mays deteendo*.

Há onze contextos em que a preposição é imediatamente seguida do gerúndio: “e passou per valêça *sem achãdo* hy algũ embargo”; “E hy mandou repartir ho esbulho que assy traziã *sem auêdo* elle pera sy nenhũa cousa”; “O conde estabre mãdou repartir per suas gentes *sem auêdo* nẽ querêdo auer pera sy nẽhũa cousa”; “e esta noyte antre lobo e câ vierom a elle ao soueral honde pousaua: dez escudeiros castellaãos que pareciam homens de bem: *sem auendo* delle seguro nenhuũ pera hy poderem vijr”; “Cuydou em sy mesmo *sem fallãdo* com outro nenhuũ a grã criaçam que elrey lhe fezera”; “e acabada se partyo com toda sua geente *sem fallãdo* a elrey caminho de tomar”; “mandou afastar os seus que nom cõbatesses por nõ parecerem *sem podendo* fazer cousa que muyto mõtasse”; “a qual gente tão que olhou a oste tornou se logo a badalhouçe *sem prouãdo* de fazer nẽhũa cousa”; “E se forom muy ledos pera suas cassas *sem sabendo* de vosso nojo nenhũa cousa”; “E foy per açerca denxarez: estãdo ja hy o mestre de santiago cõ toda sua geente que se viera da feira honde estaua quando nom quis vijnr aa batalha: *sem sayndo* a elle nenhuũ”; “hõde mãdou repartir toda a caualgada de prisoueiros e gaados e beestas per toda a gente: *sem tomãdo* pera sy nẽhũa cousa”.

Em seis seis casos, o gerúndio é antecedido dos pronomes proclíticos *lhe*, *lho*, *o* e *se*: “e asi ficou o cõdestabre assesgado *sem lhe bollindo* cõ suas terras de jurderdade”; “e per vezes entrauua com suas gêtes a fazer mal e dãpno em portugal .s. antre tejo e odyana: *sem lho cõtradizendo* nenhuũ.”; “Huũ dia aa noyte nunalurez *sem o fazêdo* saber ao prioll seu jrmaão: nẽ aos outros seus jrmaãos”; “antre os de Nunalurez e os da villa: em rostro das barreyras: *sem se fazendo* porem cousa que muyto de notar seja”; “e lhe tomara vinho de hũa sua adegua *sem lhe pagando* delle nenhuũa cousa”. Num dos casos, o pronome vem seguido do advérbio *mais*: “Logo *sem se mays deteendo* se foy assy com gram prazer aa reguarda”.

Num único caso, o gerúndio é antecedido do nome próprio que serve de sujeito à oração gerundiva: “saluo hũa cota: e hũa espada de dom garcia fernandez que fernã pereyra seu jrmaão em sy ouuera. E escondeo *sem nunalurez sabendo* dello parte”.

A contrução *sem* + gerúndio tem valor negativo, ou seja, a preposição *sem* pode ser substituída pelo advérbio *não*: *sem sabendo* > *não sabendo*. Esta construção de *não* + gerúndio caiu em desuso no português europeu continental, mas manteve-se no português do Brasil e das ilhas dos Açores e da Madeira. Na crónica, ocorrem 21 casos com o advérbio de negação: *nom comendo* / *nõ comêdo*; *nom embargãdo* / *nõ embargãdo* (2) / *nõ embargando*; *nom entendendo*; *nõ hijndo*; *nom se lembrando*; *nõ leuando*; *nõ lhe chegãdo*; *nom se chegando*; *nõ lhe declarando*; *nom podendo* (2); *nõ no querêdo*; *nom o sabêdo*; *nõ o seguïdo*; *nom sayndo*; *nõ seendo*; *nom vijndo*.

Há 14 contextos em que o advérbio de negação é imediatamente seguido do gerúndio: “e viueo em grande castidade e abstinencia *nom comendo* carne nem beuendo vinho per espaço de quorêta ãnos”; “E outras mujtas pallauras de grã door: e esto cõ as lagrimas nos olhos *nõ comêdo* nêhũa cousa”; “E em esto se seguio que *nom embargãdo* que os rreys asy esteuessem en tregoa”; “E *nõ embargãdo* a uida em que era: porque ja desto era escusado”; “*nõ embargãdo* que o ja teuesse outorgado ao condestabre pera lourêçe esteuez de goyos”; “e o meestre lho enuiou logo *nõ embargando* o mal que lhe queria”; “e caualgar e hyr a monte e aa caça *nom entendendo* em amor de nenhũa molher”; “E sem outra demoraça se fez logo prestes com trinta homens darmas de boõs escudeiros e bem armados e peça de homens de pee *nõ hijndo* nêhũ ao trijntayro com gentes darmas”; “mas partiuse logo de mõsaraz esse dia aa noyte *nõ leuando* cõsigo se nõ .lxxx. lâças”; “E joham rroÿz e os seus *nom podendo* mais soffrer se lançou dentro na cidade maõo seu pesar”; “E pollo combate seer forte e muy perfiosso *nom podendo* jamays soffrer”; “correo a terra darredor: e apanhou muytos mantimentos: *nom sayndo* a elle o conde nem suas gentes”; “E antre os feitos e escaramuças que hy forõ feitas mais notauées e prijgosas: asy foy hũa que nunalurez per sy cõ os seus fez: *nõ seendo* hy o prioll seu jrmaõ a qual foy asy”; “e que os capitaães meesmos asy se partyram logo de noyte *nom vijndo* ja com elles ata .Cl. lâças por que todollos outros derramarom e se foram”.

Há sete contextos com os pronomes proclíticos *se*, *lhe*, *no* e *o*: “E nunalurez como esto vio leixou seu cuydar em que hya: e *nom se lembrando* da cariagem que hya diante”; “e pasoulhe as solhas de hũa parte a outra: *nõ lhe chegãdo* porẽ ao corpo”; “E todo aquele dya foram a vista da hoste *nom se chegando* a ella se *nom* em escaramuças pequenas”; “*Nõ lhe declarando* poreu coussa que quisesse fazer”; “E *nõ no querêdo* fazer que o desafiaua pera batalha”; “Jente do cõde estabre se foram do alojamento acima ao castello a escaramuçar com elles *nom o sabêdo* o conde estabre”; “e lâçou se antre elles na mayor espes-

sura hõde estariã jũtos ataa duzẽtos e çinquoẽta homẽs darmas: *nõ o seguũdo nẽhuũ dos seus*”.

Num contexto já acima referido, ocorre a construção de *sem* + gerúndio, seguida da construção *não* + gerúndio, o que prova serem semanticamente similares: “O conde estabre mãdou repartir per suas gentes *sem auẽdo nẽ querẽdo auer* pera sy nẽhũa cousa”.

No português europeu continental, a construção *sem* + gerúndio foi substituída por *sem* + infinitivo. Na crónica, ocorrem nove casos de *sem* + infinitivo, quase todos acompanhados do advérbio *mais*: *sem mudar*; *sẽ melhorar*; *sem mais fazer*; *sem mais tardar* / *sem mays tardar* (2) / *sẽ mais tardar*; *sem repousar mays*; *sem mais comer*.

Os contextos sem o advérbio são apenas dois, um deles no frontispício da obra, sendo pois da responsabilidade do impressor: “Nuno alvarez Pereyra: principiadador da casa que agora he do Duque de Bragãça *sem mudar* da antiguidade de suas palauras nem stillo”; “Per cõselho de fisicos se foy deuora a lixbõa hõde esteue muytos dias *sẽ melhorar* nenhũa cousa”. Em seis contextos, o advérbio surge antes do infinitivo: “Quando Nunalurez vio que a batalha era desfeita: e que todollos senhores e gẽtes de portugal se tornauam a suas frontarias *sem mais fazer*: foy muyto anojado”; “E como esto soube *sem mais comer* mãdou dar aas trompetas e caualgou”; “E *sem mais tardar* mãdou dizer ao meestre. e aos outros señores per huũ boõ escudeyro a que chamauã johã esteuez correa que lhes guardecia muyto o recado que lhe en[u]iarõ per aquelle trõpeta”; “Logo *sem mays tardar* caualgou com seus parentes e cryados de que ella auia assaz”; “E logo *sem mays tardar* se forom a elrey”; “logo *sẽ mais tardar* foy a euora pera poer aguça em sua yda”. Apenas num contexto, o advérbio vem depois do infinito: “A noyte seguinte depois da batalha foy nunalurez a lojar e dormir em fronteira e logo em outro dia per a manhaã *sem repousar mays* de seu trabalho se foy a mõforte”.

Temos por conseguinte na crónica o uso de três construções similares: *sem* + gerúndio; *não* + gerúndio; e *sem* + infinitivo — sendo que a primeira desapareceu da língua portuguesa; a segunda sobrevive sobretudo no português do Brasil e ilhas dos Açores e Madeira; a última é típica do português europeu.

O quadro seguinte contabiliza as ocorrências das três construções na crónica:

Construção:	<i>sem</i> + gerúndio	<i>não</i> + gerúndio	<i>sem</i> + infinitivo
Número de ocorrências:	18	21	9
Porcentagem:	37,5%	43,75	18,75

As construções com gerúndio (81,25%) superam bastante em número as construções com infinitivo (18,75), notando-se, porém, que na primeira metade do século XV o fenómeno de substituição das primeiras pela terceira estava já em curso.

As orações gerundidas, ou reduzidas de gerúndio, na língua portuguesa são, segundo alguns autores (Cunha, 1987: 610), galicismos. Destas, porém, *sem + gerúndio* e *não + gerúndio*, não encontramos qualquer testemunho na língua francesa. De facto, para contextos semelhantes, a gramática francesa determina o uso de *sans + infinito*, como *sans regarder*, *sans sortir*, etc.

O uso da construção *sem + gerúndio* não é exclusiva da *Crónica do Condestabre*. Está presente na *Crónica dos Primeiros Reis de Portugal*, nas crónicas de Fernão Lopes, nos livros do rei D. Duarte e nas crónicas de Gomes Eanes de Zurara, ou seja num período tempooral que vai de 1431 (ano da morte do condestável) até 1468, data da elaboração da última crónica de Zurara.

Na *Crónica dos Primeiros Reis de Portugal*, ocorre seis vezes: *sem a levando*; *sem asynando*; *sem lhe fazendo*; *sem o fazendo*; *sem sabendo / sem sabendo*.

No *Leal Conselheiro* do rei D. Duarte, ocorre três vezes: *sem reguardando*; *sem sperando*; *sem cobrando*. No *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela*, ocorre igualmente três vezes: *sem poendo*; *sem teendo*; *sem o veendo*.

O autor que mais a utiliza é Fernão Lopes. Na *Crónica de D. Pedro I*, ocorre quatro vezes: *sem curamdo*; *sem fazemdo*; *sem poendo*; *sem se deteemdo*. Na *Crónica de D. Fernando*, 35 vezes: *sem achando* (3); *sem aveendo*; *sem avendo* (4); *sem confessando*; *sem curando*; *sem custando*; *sem dando*; *sem descobrindo*; *sem fallando*; *sem fazendo* (2); *sem leixando* (2); *sem levando*; *sem lhe fallecendo*; *sem lhe fazendo* (2); *sem lhe pagando*; *sem lho fazendo*; *sem mais curando*; *sem mais esguardando*; *sem o fazendo*; *sem pagando*; *sem quebrando*; *sem rrecebendo*; *sem sse mesturando*; *sem teendo*; *sem tomando*; *sem tornando*; *sem trabalhando*. Na *Crónica de D. João I, Primeira Parte*, 26 vezes: *sem achãdo*; *sem aveendo*; *sem creendo*; *sem curamdo*; *sem damdo*; *sem estãdo*; *sem fazemdo*; *sem ficamdo*; *sem levamdo*; *sem levando*; *sem lhe contradizemdo*; *sem lhe poemdo*; *sem lhe seemdo*; *sem lhe tomamdo*; *sem lho mamdamdo* (2); *sem mostramdo*; *sem podemdo*; *sem poemdo*; *sem sabemdo* (2); *sem seemdo*; *sem teemdo* (2); *sem teendo*; *sem tornãdo*. Na *Crónica de D. João I, Segunda Parte*, 39 vezes: *sẽ tomãdo*; *sem achamdo* (2); *sem aveemdo* (5); *sem curamdo*; *sem dizemdo*; *sem em adendo*; *sem emademdo*; *sem fazemdo*; *sem ho percebemdo*; *sem lhe amte dizemdo*; *sem lhe declarando*; *sem lhe fazemdo* (2); *sem lhe... damdo*; *sem mais dizemdo*; *sem me damdo*; *sem o dizemdo*; *sem ousãdo*; *sem paramdo*; *sem perguntando*; *sem poemdo*;

sem pomdo; sem primeiro tiramdo; sem provamdo; sem sabemdo (3); *sem se adendo; sem semdo* (2); *sem temdo* (3); *sem tomamdo*.

Das várias ocorrências da construção *sem + gerúndio* na *Crónica do Condestabre*, detetámos a correspondência a cinco nas crónicas de Fernão Lopes que se serviram da primeira:

<i>Crónica do Condestabre</i>	<i>Crónicas de Fernão Lopes</i>
“Cuydou em sy mesmo <i>sem fallãdo</i> com outro nenhuã a grã criaçam que elrey lhe fezera”	“cuidou, <i>sem fallando</i> com outro nêhũ, a gram criaçom que elrei em el fezera” (<i>Crónica de D. Fernando</i> , Cap. CXXI)
“Huũ dia aa noyte nunalurez <i>sem o fazêdo</i> saber ao prioll seu jrmaão: nê aos outros seus jrmaãos”	“ <i>sem o fazendo</i> saber ao prioll nem a algũ dos outros seus irmaãos” (<i>Crónica de D. Fernando</i> , Cap. CXXXVII)
“mandou afastar os seus que nom cõbatesses por nõ parecerem <i>sem podendo</i> fazer cousa que muyto mõtasse”	“NunAllvarez mãdou emtom que nom combatessem mais, ca poderiam pereçer alguũs, <i>sem podendo</i> fazer cousa que muito aproveitasse” (<i>Crónica de D. João I, Parte I</i> , Cap. CLVIII)
“saluo hũa cota: e hũa espada de dom garcia fernandez que fernã pereyra seu jrmaão em sy ouuera. E escondeo <i>sem nunalurez sabendo</i> dello parte”	“salvo hũa cota e hũa espada de dom Garçia Fernamdez que Fernam Pereira escondeo, <i>sem sabemdo</i> NunAllvarez parte” (<i>Crónica de D. João I, Parte I</i> , Cap. CLVIII)
“hõde mãdou repartir toda a caualgada de prissoueiros e gaados e beestas per toda a gente: <i>sem tomãdo</i> pera sy nêhũa cousa”	“e ali mamdou partir a cavalguada de guados e bestas e prisioneiros [<i>sẽ tomãdo</i> pera sy nenhuma cousa] como avia de costume” (<i>Crónica de D. João I, Parte II</i> , Cap. CLXI)

Em três das crónicas de Gomes Eanes de Zurara, a construção ocorre nove vezes. *Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné: sem avendo* (2); *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses: sem avendo* (1) / *sẽ avendo* (1); *sem fazemdo*; *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses: sem fazendo*; *sem elle teendo*; *sem lhe poendo* (2). Não encontrámos qualquer ocorrência na *Crónica da Tomada de Ceuta*.

Nestas obras referidas, há testemunhos das outras duas construções, tal como acontece na *Crónica do Condestabre*.

Nos livros impressos entre 1488 e 1500, tirando o caso da *Vit Christi* (1495), onde ocorre quatro vezes a construção *sem auêdo*, não detetámos qualquer outra ocorrência da construção *sem + gerúndio*, o que nos faz concluir que a mesma começou a cair em desuso a partir da segunda metade do século XV. De facto, a presença em Zurara é já bastante residual. Aos ouvidos de um leitor moderno, a construção soa mal. Soaria mal certamente aos ouvidos dos

leitores do século XVI. No entanto, Germão Galharde, o impressor, não viu motivos para a substituir, quer na primeira, quer na segunda edição.

Conclusão

A *Coronica do Condestabre de Portugal Nuno Aluares Pereyra*, embora apenas impressa, tanto quanto sabemos, na segunda década do século XVI, é um testemunho do português escrito da primeira metade do século XV, o chamado Português Médio. Uma das características é a construção *sem + gerúndio*, que no final do mesmo século, pelo menos na linguagem escrita, caíra já em desuso.

A construção *sem + gerúndio* tem valor negativo, ou seja, a preposição *sem* substitui o advérbio *não*: *sem sabendo > não sabendo*. A construção *não + gerúndio* tornou-se usual no português do Brasil e das ilhas dos Açores e da Madeira. No português europeu continental, a construção *sem + gerúndio* foi substituída por *sem + infinitivo* (*sem + saber*).

Referências bibliográfias

- AMADO, Teresa. “Crónica do Condestabre”, em *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993.
- CALADO, Adelino de Almeida. *Estória de Dom Nuno Álvares Pereira*. Edição crítica da *Cronica do Condestabre*, com introdução, notas e glossário. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1991.
- CALADO, Adelino de Almeida (ed.). *Crónica dos Primeiros Reis de Portugal*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1998.
- Coronica do Condestabre de Portugal Nuno Aluares Pereyra*. Lisboa: Germão Galharde Emprimidor, 1526.
- Coronica do Condestabre de Portugal: Nuno Aluares Pereyra*. Lisboa: Germão Galharde Emprimidor, 1554.
- CUNHA, Celso e Luís F. Lindley Cintra. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 4.^a ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1987.
- D. DUARTE. *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela*. Edição crítica de Joseph M. Piel. Lisboa: IN-CM, 1986.
- D. DUARTE. *Leal Conselheiro*. Edição de Maria Helena Lopes de Castro. Lisboa: IN-CM, 1998.
- FERNÃO, Fernão. *Crónica de D. Fernando*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1986.
- FERNÃO, Fernão. *Crónica de D. Pedro I*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1986.

- FERNÃO, Fernão. *Crónica de D. João I – Vol. I*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2007.
- FERNÃO, Fernão. *Crónica de D. João I – Vol. II*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2007.
- MACHADO, José Barbosa. *Crónica do Condestabre de Portugal Nuno Álvares Pereira*. Edição Semidiplomática, Introdução e Notas. Braga: Edições Vercial, 2016.
- MATOS, Manuel Cadafaz. *Estória do Condestável*. 2.^a ed. Lisboa: Edições Távola Redonda, 2011.
- REMÉDIOS, Mendes dos. *Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*. Revisão, prefácio e nota. Coimbra: F. França Amado Editor, 1911.
- ZURARA, Gomes Eanes de. *Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1973.
- ZURARA, Gomes Eanes de. *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*. Edição diplomática de Larry King. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1978.
- ZURARA, Gomes Eanes de. *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*. Edição de Maria Teresa Brocardo. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / JNICT, 1997.

Recebido em 29 de janeiro de 2018.

Aceito em 4 de abril de 2018.